

Nº 10  
ANO 01  
Março  
2000



# Galante

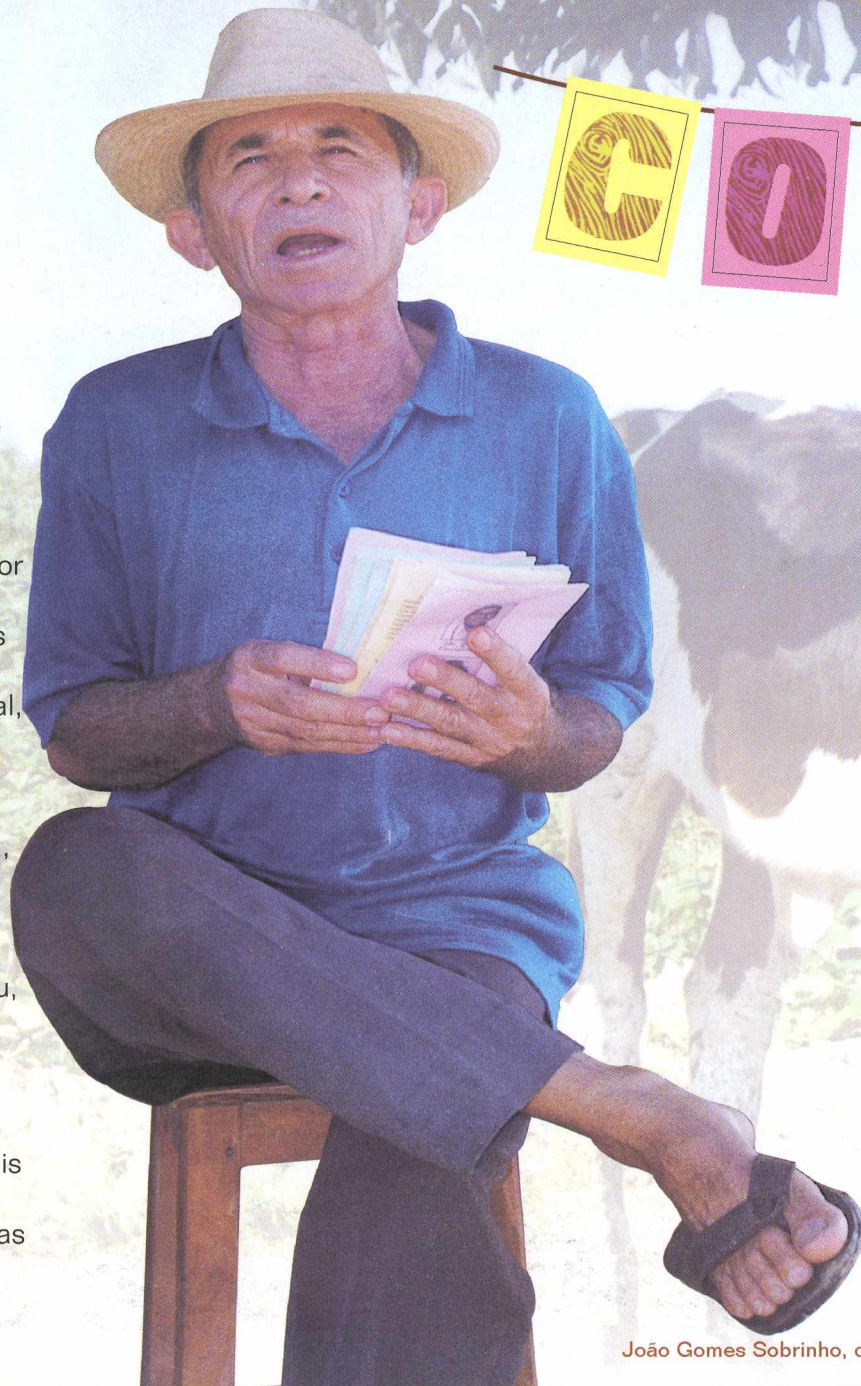
Scriptorin **Candinha Bezerra**  
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



## FOLHETO de CORDEL

### Francisco Morais

Quem se aventura a compreender a literatura popular em prosa e verso terá de percorrer um caminho que passa, necessariamente, pelo território da oralidade. Por isso, terá de deixar as estradas de cinco séculos de Brasil e embarcar em alguma caravela medieval, em busca das terras do além-mar, singrando o tempo. Portugal será o destino da viagem. De lá, vieram as tradicionais narrativas que a memória popular conservou, reproduziu e reinterpretou, adequando-as a cada contexto histórico, social, político e econômico do Nordeste, região onde essa vertente cultural mais se desenvolveu no Brasil. São os romances e novelas de cavalaria, de amor, de guerras e conquistas marítimas.



João Gomes Sobrinho, o Xexéu

A literatura popular tem uma abrangência temática que, na opinião de Umberto Peregrino, extrapola os textos em versos. O Livro dos Sonhos, o Almanaque de João Ferreira de Lima, o Dicionário do Amor e a Profecia de Frei Vidal da Penha, entre muitos outros, aparecem como textos em prosa bastante procurados pelos leitores desse segmento literário, ao lado de folhetos versejados. Estes últimos, no entanto, constituem a parte mais expressiva da literatura aqui abordada. Ao introduzir o assunto, no livro Antologia de Cordel, de Sebastião Nunes de França, o Professor Manuel Diégues Júnior diz que "o nome literatura de cordel vem de Portugal...pelo fato de serem folhetos presos por um pequeno cordel ou

(Cont.)



A literatura de cordel difundiu também a xilogravura, presente nas capas dos folhetos

barbante em exposição nas casas em que eram vendidos". O próprio termo "de cordel" dá sinal de que se trata de uma modalidade literária herdada do colonizador português, pois cordel é o diminutivo de corda no Português lusitano, o que corresponderia a "cordão", no Português apropriado e falado pelo povo brasileiro. O fato de a literatura de cordel ter se propagado mais na Região Nordeste está ligado às várias manifestações da tradição oral que se desenvolveram neste recanto do País. O aboio e as pelejas entre repentistas de coco e viola são expressões exemplares da oralidade cultural nordestina, que vieram antes do texto popular escrito. Portanto, oralidade e literatura se distinguem. O Prof Diégues afirma que "a presença da literatura de cordel no Nordeste tem raízes lusitanas; veio-nos com o romancero peninsular e possivelmente começam estes romances a ser divulgados entre nós,

já no século XVI ou, no mais tardar, no XVII, trazidos pelo colonos em suas bagagens". Ao longo dos séculos, a literatura popular assume características peculiares no Nordeste, mesclando a herança cultural ibérica e a cultura popular que aqui ia se formando, determinada pela convivência e miscigenação entre brancos, negros e índios. As narrativas trazidas da Europa passaram a ser contadas a partir do ponto de vista e do repertório cultural do homem nordestino. Os cenários e enredos europeus ganharam componentes típicos da região, e as personagens das narrativas trazidas do além-mar, assumiram trejeitos nordestinos. A História do Capitão do Navio, narrativa vinda da Europa e transformada em versos por Silvino Pirauá de Lima, no ano de 1875, apresenta a influência do folheteiro ao recontá-la a partir de sua visão de mundo. Silvino Pirauá, que viveu de 1848 a 1913,

era paraibano de Patos e, segundo Marlise Meyer, "considerado gênio no seu mundo cultural". Foi ele quem criou a sextilha ou estrofe de seis versos, predominante na literatura de cordel, que até então usava quatro versos nas estrofes. Leandro Gomes de Barros soma-se à genialidade de Pirauá e dá o passo decisivo para a consolidação da literatura popular nordestina. Ele aproveitou a proliferação das tipografias destinadas à impressão de jornais, no final do século XIX, para imprimir os folhetos. "Seus primeiros impressos datam de 1893", diz Meyer. Em Recife, montou a sua própria tipografia, onde outros autores publicaram, e recrutou revendedores em vários estados do Nordeste. A exemplo de Leandro, muitos folheteiros montaram as suas próprias tipografias, no decorrer dos anos. Convencionaliza-se o formato do folheto e do romance. O primeiro varia

de 8 a 48 páginas e, o segundo, de 16 a 64. Impressos em papel jornal, suas páginas correspondem a um quarto da folha convencional inteira. A capa traz, geralmente, a xilogravura: impressão rústica feita a partir de um taco de madeira, trazendo a abordagem visual do assunto. Autores famosos despontam, como: João Martins de Ataíde, Dila Soares, José Camelo de Melo, João Ferreira de Lima, José Pacheco da Rocha, João Melchiades e tantos outros. Eram capazes de produzir obras surpreendentes, como Coco-Verde e Melancia, o Pavão Misterioso e centenas de outras criações. Nas feiras, os folheteiros causavam admiração e eram consagrados como homens sábios. Gozavam de prestígio junto ao público que os cercava para ouvi-los, aplaudi-los e comprar os seus folhetos,



Francisquinho Livreiro

romances, almanaques e outras criações. Estes eram os meios de informação e comunicação de massa mais eficazes, para a época de um Brasil eminentemente rural, dilatando-se em fatos que efervesciam a vida lenta do País. As vozes desses poetas ficaram impregnadas nos calçamentos das feiras livres, como nódoas de memórias que as águas do tempo, por mais que rolem nas ruas, não conseguem apagar.

#### O folheteiro potiguar

A presença do folheteiro na cultura popular nordestino-grandense é intensa. Entendemos folheteiro como o autor popular que se dedica a escrever textos em prosa ou em verso, tendo em vista divulgá-los nas feiras livres e noutros

## Galante

locais públicos, com o objetivo de atrair leitores. Coincidentemente, alguns são cantadores; outros, não. Para encontrar alguns deles, foi preciso penetrar no burburinho das feiras, entre pencas de carne e cascas de plantas medicinais, passando por entre os barracos cheirando a café, buchada e cachaça. Em meio ao trançado mais confuso das vozes, encontramos seu Francisquinho Livreiro, com seus folhetos e romances expostos numa pequena banca protegida por um guarda-sol, nas feiras das Rocas e do Carrasco, em Natal. Ali, ele também vende lambedor, banha de baleia e outras quinquilharias da medicina popular. Essa é a sua profissão desde 1959. "Escrevi vários folhetos de época. Os que vendi mais foram O Monstro do Bom Pastor, O Monstro de Capim Macio e As Vítimas de Currais Novos. Vendi mais de oito milheiros de folhetos de O Monstro de Capim Macio, em apenas 40 dias", diz o folheteiro, e acrescenta: "naquele tempo o povo passava três, quatro meses, falando de um assunto de crime, acidente ou outra notícia. Dava tempo escrever e vender. Hoje, acontece uma coisa nessa semana, na outra o povo não fala mais". Seu Francisquinho deixou de escrever, alegando não atrair mais pessoas. Em Candelária, encontramos José Saldanha de Menezes.

Ele nasceu no dia 23 de fevereiro de 1918, na fazenda Piató, município de Santana do Matos-RN. Em 1935, publica o seu primeiro trabalho escrito, na tipografia de Manuel Macedo, em Santa Cruz do Inharé-RN. "Publiquei um milheiro de folhetos e vendi de três vezes, nas feiras de Santana do Matos, Currais



José Saldanha de Menezes

Novos e Cerro Corá. O título do trabalho era O Preço do Algodão é o Orgulho do Povo", lembra o autor. O folheto começa assim:

Leitores a poesia  
Deu-me o primeiro recado  
Me ordenou que escrevesse  
Com altivez e cuidado  
O que se vê pelo mundo  
Artigo certo ou errado.

Se o meu verso for aceito  
Eu volto a escrever de novo  
Estou escrevendo a verdade  
Não vou merecer reprovo  
Falo sobre a agitação  
Do preço do algodão  
E o orgulho do povo.

Saldanha atuou como folheteiro de feira até 1945. A partir daí, continuou apenas escrevendo e repassando a sua produção literária para revendedores na Paraíba, na Bahia e no nosso Estado. Também escreve almanaques, anualmente. Outro autor de folhetos, vivo, é Manoel Morais.

Natural de Ceará Mirim-RN, ele nasceu em 1936. No final da década de 50, escreve e publica os seus primeiros folhetos. O Homem que Virou Urubu, O Monstro de Goianinha, O Menino que Nasceu com Duas Cabeças, A Morte de Frei Damião, A Morte de Airton Sena são alguns títulos de sua autoria. "De todos, o que saiu mais foi A Morte de Ludugero. Vendi mais de dez mil folhetos". Aos 64 anos, Seu Manoel Morais trocou as feiras livres pelas praias. Ganha a vida cantando repente para os turistas, no litoral de Natal. O tom de reportagem e misticismo se faz presente em O Menino que Nasceu

com Duas Cabeças: Com inspiração divina Botei o lápis na mão Pra falar sobre o menino E na sua revelação Nasceu com duas cabeças Chamando o mundo atenção  
Nasceu em Tapecuru Uma cidade baiana

Passarinho?, ele revela sua consciência ecológica:  
Tenho lido dos poetas Romances e folhetinhos Os quais no mundo poético Trilharam vários caminhos Mas não vi um que falasse De quem prende os passarinhos  
E, na última estrofe, diz:  
Respeitem a liberdade Dos pássaros deste País Não matem a felicidade De quem quer viver feliz São estas as opiniões De Pedro Henrique de Assis

Em Santo Antônio-RN, no Sítio Lajes, encontramos João Gomes Sobrinho, conhecido por Xexéu, um dos maiores cordelistas vivos do nosso Estado. Nasceu em 1938 e vive da agricultura, até hoje. Além de ter recebido do povo o apelido de Xexéu, parece trazer, também, a sensibilidade desse pássaro da região. Declama com a alma e sublinha seus versos com as emoções que eles precisam para ganhar

Scriptorin **Candinha Bezerra**  
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



Av. Antônio Basílio, 3025, s.501, Lagoa Nova,  
Natal-RN. Fone: (84) 211-8241/fax: 211-8790.  
E-mail: mensagens@candinhaBezerra.com  
Internet: www.candinhaBezerra.com

Direção Artística e de Pesquisa  
Dácio Galvão

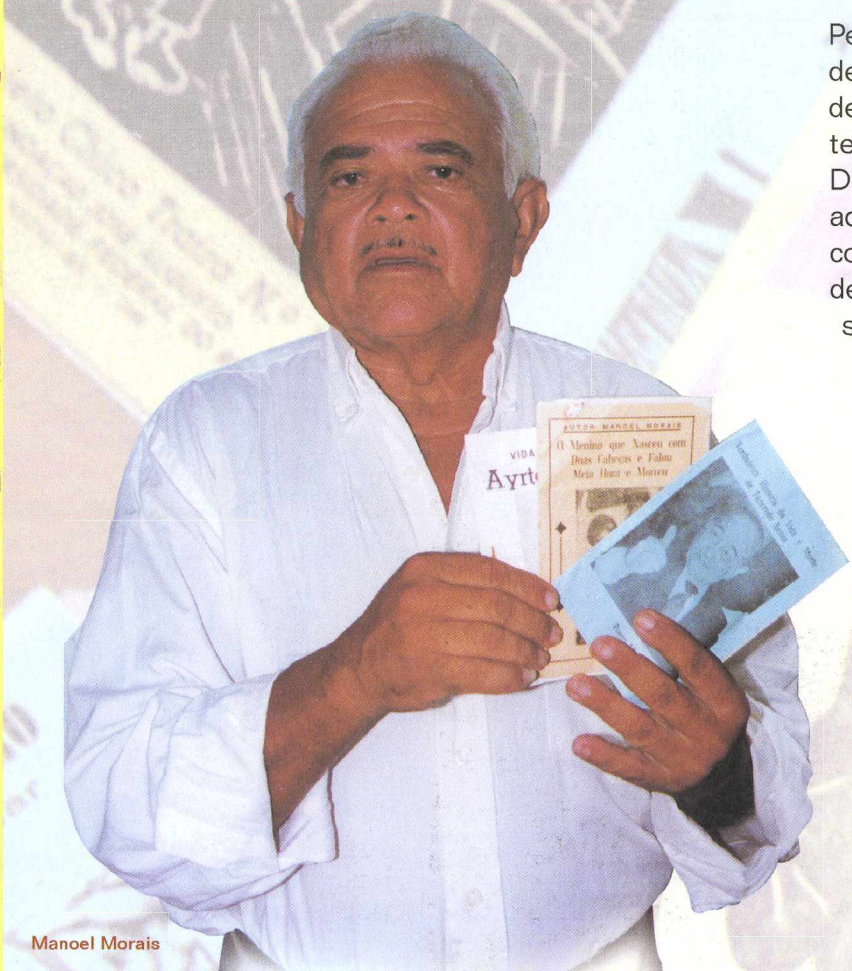
Fotografias  
Candinha Bezerra

Programação visual  
D & S Publicidade

Colaborador  
Francisco Morais  
Escritor

Apoios  
Tribuna do Norte  
TV Cabugi

Você encontra a capa dura para  
coleccionar o seu Galante, nas principais  
bancas da cidade, Scriptorin Candinha  
Bezerra e Fundação Hélio Galvão.



Manoel Morais

interpretação. Chegou a dividir recitais com Patativa do Assaré, Antônio Dias e Chico Traíra. Entre os seus melhores trabalhos, destacam-se: Retirante da Seca, Caboclo Sonhador, Flor da Mangueira Rosa, Beija Flor Mensageiro, O Nosso Encontro em Natal, A Cigana Me Enganou e A Bagunça do Preá. Este último é um clássico do humor e arranca risos e aplausos das platéias e dos leitores. Assim escreve Xexéu:

Tenho visto poesia  
Feita de tamanduá  
Do cachorro com o gato  
Da cutia e do gambá  
Esta agora é mais gozada  
A bagunça do preá. (...)

Zé Preá com três bicadas  
Começou fazer mungango  
Acompanhando a sanfona  
Rebatendo no "triângo"  
Dando umbigada nas  
moças  
Chamando pra dançar  
tango.

Há outros cordelistas potiguares, dos quais foi possível catalogar apenas os nomes, para uma pesquisa posterior. Eles são Chico Pequeno (de Natal), Chagas Ramalho (de Macaíba), Raimundo Bezerra de Moura e Severino Cassiano (de Acarí), Leandro Brito (de Caicó), Manoel Barceiro Xavier (de São Tomé) Paulo Pereira (de Lagoa Nova), José Ribamar (de Caraúbas), Raimundo Lira (de Martins), Israel Galvão (de São João do Sabugi), Celestino e José Milanez (de Currais Novos) Crispiniano Neto, José Laurentino e Edísio Calixto (de Mossoró), Antônio de Pádua Borges (de Santa Cruz), Raimundo Galdino (de João Câmara), Manoel Silva e Severino Ferreira (de Touros), José Oiticica (de Santana do Matos) e tantos outros, vivos ou de saudosa memória. "Você conhece Francisco Agripino de Alcaniz?"

Perguntar uma coisa dessas para um apreciador de folhetos, seria perda de tempo. "E Chico Traíra?" Desse assuense, sendo aquele mesmo, o povo fala com a boca cheia, degustando a memória dos seus versos, declamados em salas de lamparinas e impressos no papel das lembranças potiguares. Seu nome deu título a um Projeto da Fundação José Augusto. Hoje, 53 folhetos de autores norte-rio-grandenses foram publicados pelo Projeto Chico Traíra, iniciado em 1995. É a mais expressiva iniciativa institucional do Rio Grande do Norte, na perspectiva de estimular a produção literária de cordel, no Estado.

A literatura popular em prosa e verso está criando novas estratégias de sobrevivência? A melancolia dos poetas mais antigos, diante do aparente desinteresse do público, apontaria para o desfecho da chamada literatura de cordel, neste contexto das linguagens multiformes? Estas e tantas perguntas ficarão órfãs de respostas, pelo menos, enquanto a história não entregá-las, confirmadas ou não, aos que estudam na perspectiva de compreender o fenômeno.



Interior de mala contendo folhetos de cordel



Folhetos de medicina popular e quinquilharias



Interior de mala com romances

